



POETICÊNCIAS IV

*Mário Sílvio Paternostro Menezes****Para Caieiro**

Talvez, um dia, quem sabe, eu visite
a fazenda dos teus sonhos
e não guarde, tão somente, rebanhos
e, sim, os versos mancos que componho

Eu escrevo somente o que sinto
Se minto, não sei, diga-me
Estou doente dos olhos e coração
Descrente do mundo e com fé na vida

Minha filosofia expõe todo o meu eu
Meu relógio não mostra o tempo
e eu tateio até encontrar o apoio
na realidade cruel do momento

Não sou mestre! Quem dera, um dia,
eu entenda a simplicidade da vida
e aprenda a sorver as sensações
sem explicar, apenas, senti-las

A minha pessoa é única e basta
Quero parir apenas minhas poesias
Em riste, a caneta aponta o horizonte
Mostrando que lá é onde tudo se cria

Aporia

Eu vou de encontro ao encontro marcado
Marco passos, passando o passado a limpo
Tudo vem, vai, vem, vai e volta e retorna
e no fim do início começa o seu estribilho

* Graduado em Letras Vernáculas, pela Faculdade Nossa Senhora de Lourdes.
E-mail: paternostrom@hotmail.com.





Abro o livro, leio páginas escritas por muitos
e retiro sentidos contidos sentidos ontem
Deixo sentir, hoje, e sinto sem sentir o amanhã,
pois, tudo anda e nada está para alguém e além

Compro compromissos para deixar esperando.
O encontro é já e aqui e quem me quiser é já.
Não ando e nem corro, apenas, vago e divago
Tudo na ordem e a favor, por favor, longe é lá.

Ver, verdadeiramente? Se a verdade mente.
Uma sombra sob a sobrancelha cega a visão
Contudo, tudo confabula e burla a bula da vida
Nada nada contra a corrente da ordem sim e não

Resposta para meu mestre

Por que procura em mim
Fantasmas que nunca me assustaram?
Os porões foram visitados; sem medo.

Ouçõ ecos, ecos e mais ecos,
mas grito com a palavra que é permitida
Há rastros pelas estradas percorridas
Mas,
É individual a visão do percurso que é feito.

A palavra é livre e escarra seus discursos
e não há curso certo, apenas, caminhos
tenho anjos, demônios;
Pedras são esdras
Eu e mais Marios
somos vários

Por que procura um porquê
quando não se tem o porquê. Por quês?
Sei que sabe que a resposta é provisória.

Calo vozes, calo, e mais calos
nas mãos que laboram versos à noite





Ouço passos; são os meus fantasmas.
Portanto,
no desequilíbrio encontro minhas respostas.

Todo verbo é ação e esbarra no sujeito,
contudo, com tudo trabalha a poesia.
Eu rezo e peço
no mesmo verso
Eu sou eu e o outro
Sou muitos

